

É uma crise. Hora de James Dimon, do J.P. Morgan, mais uma vez agir

Robin Sidel, The Wall Street Journal
18/03/2008 00:00

James Dimon tem muito a colocar em sua lista de coisas a fazer agora.

AP

James Dimon, presidente do J.P. Morgan Chase & Co., está se tornando rapidamente o último recurso de Wall Street.

Dez anos depois de sua carreira parecer ter sido esvaçada por sua notória demissão do Citigroup Inc., ele agora tem um papel crítico no aperto mundial de crédito, numa hora em que as firmas rivais estão de joelhos.

A notícia no domingo à noite de que o J.P. Morgan tinha fechado acordo para comprar o Bear Stearns Cos. é o exemplo mais recente. Da ajuda para salvar uma transação da varejista de artigos de construção e decoração Home Depot Inc. em meados do ano passado à mobilização de outros bancos para que atendessem à tentativa do banco central americano de amenizar a crise nos mercados, Dimon emergiu como um dos mais poderosos homens de Wall Street num momento em que muitas empresas anseiam por algum tipo de liderança. Isso ficou muito claro na semana passada, quando ele trabalhou com o Federal Reserve para a obtenção de fundos de emergência para o Bear. Agora, seu banco vai controlar o Bear.



Dimon foi alertado dos problemas financeiros do Bear na noite de quinta-feira, quando comemorava seu 52o aniversário. Durante todo o fim de semana, ele ficou fechado em negociações para adquirir a firma. Se ele tivesse resistido ao negócio, autoridades americanas e outros temiam que o Bear, uma instituição de 85 anos, seria forçado a pedir concordata e os efeitos disso seriam sentidos em todo o sistema financeiro global.

Ainda que o J.P. Morgan tenha um histórico de salvador - seu fundador, John Pierpont Morgan, ajudou a resgatar uma Bolsa de Valores de Nova York sem caixa em 1907 -, seu atual líder tem razões pessoais para ajudar a resolver os problemas recentes de Wall Street.

Como outros bancos, o J. P. Morgan é contraparte do Bear Stearns em algumas transações e corria o risco de ter grandes prejuízos se este naufragasse. O J.P. Morgan já tem exposição de bilhões de dólares a empréstimos alavancados e a créditos garantidos pela casa própria, uma área em deterioração, e não está disposto a correr o risco de uma pancada financeira quando ele mesmo pode enfrentar mais empréstimos de recebimento duvidoso e perdas nas suas operações de cartão de crédito.

O intenso envolvimento de Dimon é típico desse nova-iorquino detalhista que gosta de pôr a mão na massa e todas as manhãs leva no bolso do paletó uma lista de itens "a fazer" escrita à mão. No lado esquerdo da lista ele marca itens que precisam ser tratados. No quadrante inferior esquerdo fica a relação do que ele indica como "gente que me deve coisas"- referindo-se a perguntas que não lhe foram respondidas, telefonemas que não recebeu e outras coisas do gênero.

Desde que assumiu as rédeas do J.P. Morgan, há mais de dois anos, Dimon, que é filho de um operador de bolsa, deu novo impulso ao histórico banco despejando bilhões em agências e sistemas de informática, expandindo áreas lucrativas como negociações de commodities e recheando os postos mais altos com antigos colegas do Citigroup.

Nesse meio tempo, ele enfatizou a necessidade de se criar "uma fortaleza de balanço patrimonial" para agüentar uma economia em enfraquecimento.

O mais importante é que as mudanças feitas por ele ocorreram num período incomumente saudável do setor bancário, o que levou ao aumento dos lucros e das ações do banco por causa dos bilhões de dólares que ele recebeu em comissões do boom de aquisições alavancadas e da prosperidade econômica em geral. Ele é franco especialmente a respeito do recente ambiente de abundância de crédito. "Você nunca mais vai ver isso na sua vida", disse no mês passado.

Comentários desse tipo lhe rendem elogios de investidores como James Berman, um gestor de recursos e professor-adjunto de finanças da Universidade de Nova York, que tem mais de 11.000 ações do J.P. Morgan. "Ele preservou capital num ambiente em que basicamente todo grande banco se meteu em algum tipo de decisão ruim", disse Berman no domingo.

Dimon defende o modelo de cobertura diversificada do J. P. Morgan, conhecido como um "banco universal", que empresta dinheiro para as maiores empresas do mundo e recebe depósitos do cidadão comum. Dimon sempre se arrepia com essa expressão e afirma que as linhas de negócios do J.P. Morgan são pouco diferentes das de muitos bancos regionais.

Mesmo assim, o J.P. Morgan é bem mais diversificado que seus confrades tradicionais de Wall Street e tem um balanço bem maior, mas seus tentáculos também vão fundo nos setores que estão no meio da turbulência. Ele é, por exemplo, uma das maiores empresas de cartão de crédito dos Estados Unidos e agora está sendo forçado a fazer provisões por causa do aumento da inadimplência e das perdas no setor.